

29 SET 1984



*Economia
Brasil*

Bancos aceitam negociação plurianual, diz Vidigal.

A.M. Pimenta Neves, correspondente em Washington.

O presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, Luís Eulálio Vidigal, almoçou ontem com 20 representantes de 11 grandes bancos de Nova York, para pedir compreensão para os problemas que a economia brasileira ainda vem enfrentando no plano interno.

"Há dois brasis", Vidigal revelou ter-lhes dito. "Um é o Brasil do cruzeiro, o outro é o Brasil do dólar. O Brasil do dólar vai muito bem. O do cruzeiro ainda preocupa muito."

O presidente da Fiesp, que falou com este jornal pelo telefone, ofereceu o almoço aos banqueiros no Hotel Plaza de Nova York, onde se hospedou. Até quarta-feira esteve em Washington, assistindo à reunião anual conjunta do FMI e do Banco Mundial.

Vidigal chegou à conclusão de que o Brasil já iniciou de modo informal as negociações com os bancos, com vistas ao reescalonamento das amortizações do próximo ou dos próximos anos, e um novo empréstimo que o Brasil deverá solicitar para 1985.

Sua impressão é de que os banqueiros estão abertos à negociação plurianual. "Alguns deles pareceram claramente favoráveis ao esquema", disse Vidigal. O governo brasileiro aparentemente ainda

não se definiu em torno do assunto. O presidente do Banco Central, Afonso Celso Pastore, apóia a solução, mas o ministro Ernane Galvães continua incerto a respeito de sua relevância para o Brasil.

Um novo empréstimo para cobrir as necessidades do Brasil em 1985 parece viável, segundo Vidigal, depreendeu da conversa com os executivos dos bancos Chase Manhattan, Citibank, Morgan Guaranty, Manufacturers Hanover, Bankers Trust, American Express, Chemical, Republic, Bank of New York, Irving Trust e Marine Midland.

Vidigal procurou tranquilizar os banqueiros sobre as perspectivas pós-eleitorais do Brasil, afirmado que poderá haver mudanças de política interna, mas que a política externa deve ser a mesma com Tancredo Neves ou com Paulo Salim Maluf.

"Eu lhes disse que o Brasil precisa crescer muito. Se crescemos só 3% ao ano, haverá 12 milhões de desempregados no País em 1987", afirmou Vidigal.

Os banqueiros consideraram a conversa tão útil, disse, que lhe sugeriram fazer o mesmo tipo de contato com membros do Congresso, do governo e das empresas, dos Estados Unidos.